

POESIA E FILOSOFIA

POESIA E FILOSOFIA

por poetas-filósofos em atuação no Brasil

ADÉLIA PRADO

ORIDES FONTELA

RUBENS RODRIGUES TORRES FILHO

ALBERTO PUCHEU

MD MAGNO

ANTONIO CICERO

MARCO LUCCHESI

FERNANDO SANTORO



© Moinhos, 2018.

© Alberto Pucheu, 2018.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Humberto Nunes

1ª edição, Belo Horizonte, 2018.

Nesta edição, respeitou-se o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ISBN

CDD 801.93

Índices para catálogo sistemático

1. Poesia 2. Filosofia 3. Literatura brasileira: ensaios I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2018 | 124 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Apresentação

Atento aos cruzamentos entre poesia e filosofia, percebi um fato raro, no Brasil deste momento: a presença de vários poetas com formação acadêmica em filosofia. Muitos, inclusive, tendo publicações nas duas áreas. Quis organizar um livro em que alguns destes poetas-pensadores tematizassem a relação, ou a não-relação, entre poesia e filosofia, o que estes dois termos significam para cada um.¹ Sentindo grande admiração por todos, sempre soube que quanto menos interferisse melhor seria o que cada um poderia fazer.

O único pedido feito aos participantes foi o de não enviarem poemas. Acerca da disjunção possível entre poesia e filosofia, um pensamento provisório pode ser trazido à tona: enquanto a primeira, provocando o pensamento dá o que pensar através de suas criações, a outra se afirma pelo exercício explícito do pensamento. Aceitando este ponto de partida, ainda que passível de ser questionado (e o é por mim mesmo), ainda que instável e movediço, minha escolha foi a de privilegiar uma tematização reflexiva que oferecesse tempo suficiente para a questão deixar-se exposta. A partir daí, o livro estaria aberto para qualquer tipo de texto. Foi o mínimo sugerido para dar, também, uma unidade maior à coletânea.

Todos os convidados acreditaram prontamente no projeto. O único motor que os acionou foi o entusiasmo, mais nada. Por isso, e também pelas autenticidade e densidade de pensamento dos escritos, agradeço *Adélia Prado*, *Antonio Cicero*, *Fernando Santoro*, *Marco Lucchesi*, *MD Magno*, *Orides Fontela* e *Rubens Rodrigues Torres Filho*. Foram os responsáveis por estas páginas imprevisíveis, mostrando a radicalidade e originalidade dos caminhos entre poesia e filosofia? Seus encontros, afastamentos, indiscernibilidades e profundidades. Haverá depoimentos, fragmentos, aforismos, ensaios, entrevista e paródia. Tudo conforme o desejo de cada participante e à exigência do assunto.

¹ A única exceção é MD Magno, [psccinalista](#)  retanto, entendo que entre filosofia e psicanálise há muito mais do que apenas uma região explícita de diálogo e de referências comuns.

Não quis dar a este livro um caráter enciclopédico, que abarcasse todos ou quase todos escritores que se adequassem a sua proposta. Preferi, antes, a presença de alguns dos mais representativos, sabendo que outros, também importantes, não estão participando. O objetivo, portanto, não foi aglomerar exaustivamente o maior número de participantes em um vão anseio de completude quantitativa, mas demarcar o fato e algumas possibilidades de pensamento.

Tenho certeza, agora, de que valeu a pena o esforço de todos para trazer esta questão à tona em um livro sem precedentes, demarcando e divulgando tal acontecimento que se realiza aqui entre nós. Que seja uma intervenção nos caminhos de nossas vidas, de nossas palavras, de nosso pensamento!

Alberto Pucheu

Rio, outubro de 1998

*Mas que venham de vós perplexidades
entre as noites e os dias, entre as vagas
e as pedras, entre o sonho e a verdade, entre...*

Jorge de Lima

Observando as formigas

Adélia Prado

Na adolescência, não saía da casa de Dona Alzira Guimarães, professora e mãe de minha amiga Diva, colega de escola. Entre os muitos encantos de sua casa, estava o de um guarda-louça abarrotado de livros. Morávamos muito perto, o que facilitava minhas idas à “biblioteca”. Tirei de lá, certamente, depois de ler todos os romances de M. Delly, uma revista chamada *Kriterion*, que me deixou fascinada. Estavam ali discutidas coisas que não entendia muito, mas o bastante para me abrir o apetite à cata de mais e mais. Foi como descobrir no quintal uma mina de ouro. Pois não eram meus aqueles pensamentos? Ainda por cima, davam sentido, fundamento e justificava a gostos muito particulares e criticados que eu tinha de ficar “pensando”, e até dormindo às vezes, debaixo de um maravilhoso pé de abacate-manteiga. Descobri que as instigantes inquietações da minha cabeça eram normais, gente antiquíssima, de antes de Cristo, se ocupava dos mesmos assuntos, especulando com nomes e expressões formidáveis, como ente, essência, matéria e forma, coisa e conceito, primeiro motor, o ser, cuja essência é sua própria existência, o ser por excelência e mais: — oh, presente do céu — estavam lá santos da minha igreja, São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, frades que, enquanto perseguiam a santidade, brigavam ou dialogavam com Platão e Aristóteles, filósofo que amei primeiro e deixei pra me casar com Platão, apesar dele falar mal dos poetas, o que pode ser um mal-entendido, impossível de desvendar pessoalmente, pois não sei grego. Tirava o fôlego de tão bom. Era como olhar formigas e de repente descobri: formiga é para sempre. Um gozo sensorial que se confundia bastante com o calor que me provocava o olhar dos moços sobre minha verde pessoa. Muitíssimo parecido com o sentimento despertado à leitura dos versos de Alphonsus de Guimaraes: “O cinamomo floresce em frente do teu postigo...” Maravilhoso! Eu já escrevia versos e eles brotava, nunca tive dúvidas, daquele mesmo lugar de onde os filósofos garimpavam seus solilóquios. Havia uma unidade segurando minha experiência no mundo, que se revelava não apenas na teologia que explicava minha fé. Mostrava-se igualmente na poesia e na filosofia, que eram coisas de Deus. Minha felicidade foi

enorme. Alimentei-me desta certeza, até que em 1965 criou-se em Divinópolis-MG, minha cidade, a Faculdade de Filosofia. Estudei com gosto, sofreguidão e proveito as matérias do curso. Certifiquei-me de que a Filosofia escova o pensamento, que todo mundo filosofa naturalmente, que é um horror todas, absolutamente todas, as Faculdades não serem basicamente de Filosofia, podada em nossas escolas como atividade supérflua. Descobri, ao contrário do que alardeava um pernóstico, é possível filosofar em português, exatamente como é possível fazer poesia. Metafísica e metáfora, anteriores a escolas, prescindem delas, como obras do espírito, braços de um mesmo rio de nascente profunda. Tendem à misteriosa força que as cria e chama de volta ao seu centro divino, ao magnífico caos de onde emerge a sintaxe, ordenando pensamento e verso. Poesia e Metafísica, códigos, pulsações do que por enquanto não se vê face a face e nos enche de maravilha e temor.

Adélia Prado nasceu em 13 de dezembro de 1935, em Divinópolis, Minas Gerais. Seus livros de poesia são: *Bagagem*, 1976; *O coração disparado* (Prêmio Jabuti de 1978); *Terra de Santa Cruz*, 1981; *O pelicano*, 1987; *A faca no peito*, 1988. Em 1991, teve sua *Poesia reunida* publicada pelas Edições Siciliano. Em prosa, escreveu *Solte os cachorros*, 1979; *Cacos para um vitral*, 1980; *Os componentes da banda* (1984); *O homem da mão seca* (1994). Em 1987, Naum Alves de Souza dirigiu um espetáculo, tendo Fernanda Montenegro como atriz, baseado nos escritos da poeta. Formou-se pela Faculdade de Filosofia de Divinópolis.

Sobre poesia e filosofia um depoimento

Orides Fontela

“Alta agonia é ser, difícil prova” é o primeiro verso de um soneto meu, escrito aos 23 anos — um soneto muito importante para mim, pois é uma espécie de programa de vida, que não renego nunca e nem jamais conseguirei cumprir, porém é minha tarefa tentar. Difícil prova, sim, impossível, pois isso constitui propriamente o humano. E, claro, todas as ferramentas servem, principalmente a religião (sobre o aspecto místico), a poesia — intuições básicas e... musicais, que tive de nascença — e a bem mais recente, a filosofia. Deixando a religião de lado (mas fica lá, por baixo), falemos só de poesia e filosofia.

Arcaica como o verbo é a poesia, velha como o cântico. A poesia, como o mito, também pensa e interpreta o ser, só que não é pensamento puro, lícido. Acolhe o irracional, o sonho, inventa e inaugura os campos do real, canta. Pode ser lúcida, se pode pensar — é um logos — mas não se restringe a isso. Não importa: poesia não é loucura nem ficção, mas sim um instrumento altamente válido para a apreender o real — ou pelo menos meu ideal de poesia é isso. Depois é que surgem o esforço para a objetividade e a lucidez, a filosofia. Fruto da maturidade humana, emerge lentamente da poesia e do mito, e inda guarda as marcas de co-nascença, as pegadas vitais da intuição poética. Pois ninguém chegou a ser cem por cento lícido e objetivo, nunca. Seria inumano, seria loucura e esterilidade. Bem, aí já temos uma diferença básica entre poesia e filosofia — a idade, a técnica, não o escopo. Pois a finalidade de entender o real é sempre a mesma, é “alta agonia” e “difícil prova” que devemos tentar para realizar nossa humanidade. Isso é o que temos a dizer, inicialmente, sobre a filosofia e poesia.

Bem, fazer poesia fiz sempre, e curiosa sempre fui. “Que bicho é esse?” era minha pergunta de aluninha. “Ti esti”, “que é”, pergunta de filósofo. É pergunta igual... Aos dezesseis anos fiz os seguintes versos:

Pensar dói
e não adianta nada.

Maus versos, mas intuição válida. Pensar dói mesmo, faz cócegas, pode ser tão irreprimível como a curiosidade da aluninha. E de que adianta? Bem, o caso é que eu não engolia, nem engulo, respostas já prontas, quero ir lá eu mesma, tentar. Tentava pela poesia. Ora, uma intuição básica de minha poesia é o “estar aqui” — auto-descoberta e descoberta de tudo, problematizando tudo ao mesmo tempo. Só que este “estar aqui” é, também, estar “a um passo” — de meu espírito, do pássaro, de Deus — e este um passo é o “impossível” com que luto. É o paradoxo que exprimo num poemeto.

Próxima: mas ainda
estrela
muito mais estrela
que próxima.

Ora, esta posição existencial básica de meus poemas já é filosófica, isto é, seria possível desenvolvê-la em filosofia, e daí veio meu interesse pela filosofia propriamente dita. Eu vivia a intuição quase inefável de estar só “a um passo”, que bastava erguer um só véu. Mocidade! E aí entra na minha vida a filosofia explícita. Entrou em aulas da Escola Normal, entrou pelos livros que procurei conseguir (Pascal, Gilson, Maritain, e até alguns não tão ortodoxos), e misturou-se a um interesse pela mística — Huxley, Sta. Tereza, São João da Cruz. Salada de que resultou meu livro “Transposição”, muito “abstrato” e “pensado” — no sentido poético de tais termos. Girava em torno do problema do ser e da lucidez, e abusava do termo “luz”. Um livro estranho, que só recentemente percebi como estava na contramão da poesia brasileira, sensual e sentimental. Parecia até meio cabralino devido a um vezo analítico, mas nunca foi, claro. Era um livro escrito no interior, tramado pelas tendências já levantadas, e onde já poesia e filosofia tentavam se irmanar, como possível.

Não preciso explicar, agora, porque meu interesse por filosofia era quase inato, como a poesia. Assim, agarrei a oportunidade de fazer realmente filosofia. Talvez desse em algo prático (não deu), mas o que me interessava era, acreditem ou não, a Verdade. Ingenuidade? Hoje sei que era, mas era a própria ingenuidade nobre sem a qual não se cria. E lá parti eu para tentar a filosofia, continuando com a poesia naturalmente. E o curioso é que estas águas não se mesclaram mais do que já estavam, senão a poesia poderia se tornar seca e não

espontânea. Mas dei sorte (!) de não me tornar filósofa... Aliás, o mais que conseguiria seria ser uma professora de filosofia, isto é, uma técnica no assunto — e, bom, não era essa a finalidade. Nem dava; faltava base econômica e cultural. Pobre e vindo apenas do Normal só consegui terminar o curso. Mas me diverti muito.

Não, concluí, a filosofia propriamente dita não é exatamente meu caminho, aliás nem mesmo me considero intelectual, só poeta, e ponto. Melhor criar que comentar, claro. A filosofia não me deu a resposta, a poesia só dá intuições, a estrela próxima está cada vez mais longe, mas continue-se a escrever...

Se fiquei insatisfeita com a filosofia explícita, isso não significa que foi inútil. Deu uma base cultural que eu não tinha, alargou meu mundo. E me deu o “status” de “filósofa”, universitária. É mais ou menos mito, mas mitos são excelentes para promover livros, nem.

A poesia foi indo, como deu. Preocupou-se com a forma, a técnica — Helianto, do tempo da faculdade — e chegou à meta-poesia — Alba. Depois tentei voltar, tornar o papo mais concreto — Rosácea, Teia. Mais próxima do cotidiano, mais sofrida, é como ela está, e eu também. Consequências da pobreza, do envelhecimento, das mágoas. Lamento ter perdido a passada ingenuidade (e imunidade) mas não que mudei de pele, não é possível. O futuro é propriamente falando o imprevisível — e não sei onde a pesquisa poética e o pensamento selvagem me levarão. E ainda acrescentei à minha salada o zen-budismo — com bons resultados, aliás — e agora procuro outros “ingredientes”, se possível. Não estar satisfeita é bem humano.

O soneto a que me referi no princípio fala em

despir os sortilégios, brumas, mitos.

e taí uma tarefa bem filosófica, se a filosofia fosse só consciência crítica e lucidez, se não alimentasse também brumas e mitos próprios. Sem o que estaríamos tão nus que morreríamos, ou quem sabe — transmutávamo-nos — . Persigo a

aguda trama
da meta
morfose.

e, para isso, poesia, filosofia, zen e o mais que vier, tudo serve —
ruma ao não-dito, ao nunca dito, ao inexprimível.

Noutro poema, digo

Amor
cegueira exata.

e, entendendo-se “amor” como a energia criativa primordial, então o saber poético se dá como uma “cegueira exata”: intuição, pensamento selvagem. A poesia, claro, não apresenta provas: isto é tarefa para a filosofia. Mas os filósofos — os criativos mesmo — também partem de intuições, e é a poesia que dá o que pensar. Que dizer dos incitantes fragmentos de Heráclito? Mistério religioso? Filosofia? Poesia? Tudo junto! E de Platão, aliás também poeta? E de Heidegger — que confesso ter lido como poesia — que, afinal, acaba no poético, por tentar algo indizível? Há muita poesia na filosofia, sim. Não poesia didática — como a dos pré-socráticos — mas poesia como fonte que incita e embriaga. E da filosofia na poesia já falamos, só que é “filosofia” que se ignora, que canta — que dá nervo aos poemas e tenta entrar onde o raciocínio não chega.

Filósofos podem servir de exemplo aos poeta, como digo

Sócrates
fiel ao seu daimon.

pois, como os poetas, Sócrates era inspirado — e era fiel a sua inspiração. Só isso cabe ao poeta: ser fiel à voz interior, sem forçar, sem filosofar explicitamente. Deixar que, naturalmente, filosofia e poesia se interpenetrem, convivam, colaborem.

Nasceram juntas, sob a forma de mito, e juntas sempre, sempre colaboram para criar e renovar a nossa própria humanidade.

Orides de Lourdes Teixeira Fontela nasceu a 21 — oficialmente 24 — de abril de 1940, em São João da Boa Vista, São Paulo. Filha de Álvaro Fontela e Laurinda T. Fontela. É professora de pré-primário aposentada. Licenciou-se em Filosofia pela U.S.P. em 1972. Publicou os seguintes livros de poesia: *Transposição*, Instituto de Espanhol da U.S.P., 1969; *Helianto*, Livraria Duas Cidades, 1973; *Alba*, Roswhita Kempf, 1983 (Prêmio Jabuti); *Rosácea*, Roswhita Kempf, 1986; *Trevo*, Livraria Duas Cidades — coleção *Claro Enigma* —, 1988 (coletânea dos livros anteriores); *Teia*, Geração Editorial, 1996 (Prêmio APCA).

